

JULHO 2026

193ª EDIÇÃO

GAZETA DO POVO

REVISTA



A HORA DOS CORTES

Próximo presidente terá missão de desinchar o Estado para equilibrar contas. Listamos dez órgãos federais que não fariam falta se fossem extintos

Editorial: Ortega, ditador que Lula ajudou a construir, acaba com as eleições na Nicarágua

Razzo: Cristãos e identitários querem um Homero para chamar de seu

Índice

Editorial: Ortega, ditador que Lula ajudou a construir, acaba com as eleições na Nicarágua 04

José Fucs: O alerta de Rubio sobre o terrorismo de esquerda: macarthismo ou realidade? 10

Francisco Razzo: Cristãos e identitários querem um Homero para chamar de seu 25

Dez órgãos federais que não fariam falta se fossem extintos 36

Justiça mantém pais longe dos filhos por 8 meses e manda pagar pensão aos avós 46

Guerra dos drones muda o equilíbrio do conflito entre Rússia e Ucrânia 58

O brasileiro que rompeu uma tradição de 600 anos e assumiu o coro mais antigo do mundo 54



USUÁRIO DE ANDROID: PARA NAVEGAR UTILIZANDO OS
LINKS DE PÁGINA VOCÊ PRECISA DO APP ACROBAT READER

The background of the entire image is a dark blue silhouette of a human head in profile, facing right. Inside the head, there is a complex, glowing network of lines and dots, resembling a neural network or a star map. The dots are in shades of yellow, orange, and pink, and the lines are thin and light blue. The overall effect is one of intellectual activity and knowledge.

GAZETA DO POVO

CONHEÇA O SABER

Temas fundamentais não podem passar despercebidos. Acesse a homepage da Gazeta do Povo com conteúdos aprofundados e para reflexão

ACESSE AGORA!



Daniel Ortega anunciou que não haverá mais eleições na Nicarágua, para que a direita não volte ao poder. (Foto: ChatGPT sobre foto de Ronald Peña R./EFE)

EDITORIAL

Ortega, ditador que Lula ajudou a construir, acaba com as eleições na Nicarágua

Algumas ditaduras tentam manter alguma aparência de democracia realizando eleições, que

nunca são livres nem justas – normalmente elas são fraudadas, como na Venezuela bolivariana ou na Rússia de Vladimir Putin, ou apenas os “candidatos” aprovados pelo regime podem concorrer, como em Cuba, na Coreia do Norte, na China ou no Irã. Na Nicarágua, Daniel Ortega foi “reeleito” em 2021 em uma “disputa” que teve vários candidatos presos e acusados de “traição à pátria”; mas, dias atrás, o ditador resolveu abandonar de vez o teatro e assumir o que apenas os muito ingênuos ou os muito cegos politicamente continuavam sem perceber.

Em Manágua, capital do país, em evento que marcou o aniversário da Revolução Sandinista, Ortega anunciou que “aqui não haverá mais eleições para que eles [a oposição] não tentem tomar o governo, tomar o poder”. O próximo

pleito (que, salvo alguma surpresa, também seria feito sob medida para garantir a vitória da esquerda) ocorreria no fim deste ano, mas tinha sido adiado para 2027 após uma reforma constitucional que ampliou o mandato presidencial. A mesma reforma, aliás, havia consolidado os superpoderes do presidente-ditador ao reduzir o Legislativo e o Judiciário a “órgãos” do Estado, coordenados pelo Executivo.

Às vésperas de uma eleição presidencial, Lula poderá até dizer que se distanciou de Ortega em 2024, quando houve a expulsão mútua dos embaixadores de Brasil e Nicarágua, mas não pode negar que ele ajudou a criar o monstro e o apoiou até não poder mais. A “reeleição” de Ortega em 2021 foi celebrada pelo PT com nota

oficial (posteriormente removida) e, na sequência, o então pré-candidato Lula defendeu o fim da alternância de poder na Nicarágua comparando Ortega a líderes europeus que conquistaram várias reeleições em eleições livres e justas, como a alemã Angela Merkel, a britânica Margaret Thatcher e o espanhol Felipe González.



Ortega não teria chegado aonde chegou sem a parceria de inúmeros outros líderes e organizações da esquerda latino-americana, e Lula e o PT não são meros coadjuvantes nessa lista

Na campanha de 2022, quando Ortega já estava começando a se tornar “tóxico” graças à perseguição ostensiva aos cristãos, Lula tentou (e

conseguiu) censurar publicações nas mídias sociais – inclusive desta Gazeta do Povo – que descreviam a aliança entre o brasileiro e o nicaraguense. No poder, o petista ainda deu mostras de solidariedade ao colega de esquerda ao longo de 2023, especialmente quando se absteve de assinar uma declaração do Conselho de Direitos Humanos da ONU denunciando os crimes cometidos por Ortega. E, mesmo depois do rompimento, a diplomacia brasileira, sempre tão disposta a lançar notas de repúdio e condenação, tem se mantido bastante silenciosa (ou seja, omissa) diante de situações como o desaparecimento do bispo católico Juan Abelardo Mata, que já dura três semanas. Além disso, o PT continua a ser parceiro da Frente Sandinista de Libertação Nacional, o grupo de Ortega, no Foro de São Paulo.

Obviamente, não é pelo esquerdismo nem pelo autoritarismo de Ortega que Lula se afastou do nicaraguense – afinal, o petista continua bajulando todos os outros ditadores socialistas mundo afora –, mas apenas porque o custo de seguir defendendo um perseguidor de cristãos se tornou alto demais em um país no qual o eleitorado católico e evangélico é decisivo. Ortega não teria chegado aonde chegou sem a parceria de inúmeros outros líderes e organizações da esquerda latino-americana, e Lula e o PT não são meros coadjuvantes nessa lista. São laços que o eleitor brasileiro não pode ignorar quando for às urnas em outubro.



[Voltar ao índice](#)



Marco Rubio afirmou que o novo tarifaço contra o Brasil é o "preço" pela falta de boa-fé do governo Lula nas negociações com os EUA. (Foto: Jim Lo/EFE)

OPINIÃO

José Fucs

O alerta de Rubio sobre o terrorismo de esquerda: macarthismo ou realidade?

Em meio às bravatas do presidente Lula sobre a tal “soberania nacional” e uma possível retaliação

do Brasil aos Estados Unidos, renovadas após o novo tarifaço de 25% imposto a produtos brasileiros pelo governo Donald Trump, o secretário de Estado americano, Marco Rubio, fez um alerta providencial a respeito do crescimento do terrorismo de extrema-esquerda pelo mundo afora.

Seu recado, dado na abertura da Reunião Ministerial sobre o Ressurgimento do Terrorismo Político, realizada pelo governo dos EUA em Washington, representou um alento de que o problema – que perdeu espaço na agenda global para o combate ao extremismo islâmico após os ataques às Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2001 – está voltando, enfim, a receber a devida atenção das autoridades.

Embora a tropa de choque da esquerda tenha procurado caracterizar a iniciativa como um “retorno do macarthismo”, em referência à campanha de perseguição a comunistas e supostos comunistas ocorrida nos EUA no início da Guerra Fria, liderada pelo então senador Joseph McCarthy (1908-1957), Rubio traçou um quadro sinistro sobre a nova onda do terrorismo esquerdista que vem assolando o Ocidente.

Trata-se de um cenário que está longe de ser a expressão de mera paranoia política. Pelos contornos que adquiriu, o fenômeno deve preocupar todos os democratas dignos do nome, que não passam pano para as ações dos extremistas de esquerda, sob a justificativa de que são politicamente legítimas, por favorecer “a causa” maior, de minar a sociedade capitalista. É

o que fazem no Brasil o PT e seus aliados, quando se opõem aos projetos para classificar como terroristas grupos que praticam ações violentas, como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto) e outras organizações do mesmo naipe, sob a alegação de que “vão criminalizar o movimento social”.

“Por muito tempo, nossa doutrina antiterrorista teve um ponto cego, no que se refere à violência extremista da esquerda. Ainda hoje, a própria ideia de que o terrorismo de extrema-esquerda pode representar uma séria ameaça é tratada como um delírio da direita, ou pior, como uma perigosa conspiração fascista”, disse Rubio no evento, que contou com a presença de delegações de mais de 60 países – sem o Brasil que, apesar

de convidado, não quis participar. “Ela é tratada assim por muitos da imprensa, das nossas universidades e das nossas instituições tradicionais. Vocês poderão constatar isso na própria cobertura jornalística desta conferência, apesar da clara e inegável realidade e apesar dos números objetivos e das estatísticas.”

Visão enviesada

Como também acontece aqui no Brasil, o secretário de Estado americano abordou a visão enviesada que predomina nas abordagens da violência perpetrada pela esquerda e pela direita. Segundo ele, ao mesmo tempo em que procuram suavizar os atos terroristas da esquerda, a mídia, a academia e representantes da chamada sociedade civil argumentam que a única violência política que representa uma verdadeira ameaça

ao sistema vem da extrema-direita. Rubio afirmou que, para esse pessoal, uma bomba detonada por um grupo neonazista é considerada como um ato terrorista, enquanto uma bomba detonada por um revolucionário marxista é vista como “excesso de idealismo”, cujos meios talvez fossem equivocados, mas cujos fins eram “virtuosos e justos”.

Durante a maior parte da era moderna, de acordo com Rubio, o terrorismo de extrema esquerda era a forma dominante de violência política no mundo. Ele lembrou das décadas marcadas por sequestros, bombas e execuções promovidos pelos Tupamaros, pelos Montoneros e pelas Farc na América Latina e pelos grupos Baader-Meinhof na Alemanha, Brigadas Vermelhas na Itália e Weather Underground nos

EUA.“Nada disso é novidade. O terrorismo da extrema-esquerda não é uma ficção produzida por políticos conservadores”, disse Rubio no encontro. “E hoje nós enfrentamos uma nova onda desse velho mal.”

Nos EUA, conforme os números citados por Rubio, os ataques e tramas terroristas de esquerda subiram para níveis que não eram vistos há décadas. Na Alemanha, a violência de extrema-esquerda saltou em mais de 40% só no ano passado. E, na Grécia, mais de 80% da violência política é promovida por militantes da extrema-esquerda e anarquistas. Ele mencionou vários casos recentes para reforçar seu diagnóstico, do qual é difícil, de boa fé, discordar. Nos EUA, Rubio citou como exemplo mais emblemático dessa atitude condescendente com

os extremistas de esquerda os atentados cometidos no país após a morte do afroamericano George Floyd pela polícia, em 2020.

Rubio afirmou que, na época, manifestantes incendiaram e saquearam casas, estabelecimentos comerciais e bens públicos em grandes cidades, mas governantes e procuradores de todo o país se recusaram a processar os responsáveis pelos atos de violência e terror. Ele lembrou de “uma imagem infame que se tornou famosa”, na qual um repórter de um telejornal aparecia na frente de uma área que ardia em chamas, enquanto o letreiro na tela dizia que os protestos eram em sua maioria pacíficos. “Isso foi algo pior do que um duplo padrão. A violência da extrema-esquerda não foi apenas

desculpada, mas tratada como sacrossanta, como uma classe protegida em si mesma. Essa era tem de acabar”, disse o secretário americano.

Franco-atiradores

Ele declarou que, nos EUA, tem ocorrido agressões contra agentes de imigração, ataques de franco-atiradores, emboscadas. Citou os casos de um atirador transsexual que disparou contra estudantes de uma escola católica enquanto eles rezavam, de um executivo de uma empresa de seguro-saúde que foi assassinado nas ruas de Nova York e de um ativista conservador que foi morto ao falar para uma plateia formada por estudantes, além das várias tentativas de assassinato do próprio Trump.

Para reforçar sua tese de que se trata de um fenômeno global, Rubio mencionou também o caso da idosa de 80 anos que morreu ao ser queimada por uma bomba incendiária em sua casa na Grécia, porque sua filha “ousou” se candidatar numa eleição.



Como também acontece aqui no Brasil, o secretário de Estado americano abordou a visão enviesada que predomina nas abordagens da violência perpetrada pela esquerda e pela direita

Entre outros casos, citou ainda o atentado cometido contra o sistema de energia elétrica de Berlim, que deixou a cidade no escuro, em pleno inverno, pelo maior período desde a Segunda

Guerra Mundial, além do espancamento até a morte de um jovem de 23 anos em Lyon, na França, por um grupo de “ativistas” de extrema-esquerda.

Muitas vezes, segundo ele, os grupos terroristas de extrema-esquerda do Ocidente mantêm ligações com grupos islâmicos apoiados pelo Irã e continuam a manter relações próximas com o regime cubano, como acontecia no passado, o que acaba por dar um caráter internacional à sua atuação. “Hoje os terroristas podem conseguir dinheiro num país; abrigar suas comunicações em outro; receber treinamento num terceiro; recrutar militantes num quarto; e juntos podem atingir um alvo num quinto”, disse Rubio. “Então, nós não temos escolha a não ser enfrentar esta ameaça juntos. Ou nós atuamos juntos ao longo

de nossas fronteiras ou os terroristas continuarão a explorar as lacunas entre elas.”

Agora, foi quando ele falou sobre as possíveis motivações da extrema-esquerda que Rubio realmente arrasou, no melhor sentido da palavra. Vale a pena reproduzir suas palavras na íntegra: “Este é um mal único e singular. Sempre foi motivado pelo ódio acima de tudo, um ódio pela própria civilização. É uma revolta dos piores contra os melhores, dos fracos e dos covardes contra os fortes e os bons. É perpetrada por aqueles que não podem construir, que não podem criar, que não podem alcançar grandes coisas, e se vingam contra o mundo por suas próprias inadequações procurando destruir aqueles que podem”, afirmou o secretário americano.

“Isto é o que o esquerdismo radical é. Pode usar vários slogans e ideologias diferentes ao longo do tempo e dos lugares. Pode se autodenominar de anticapitalistas, ou de anti-imperialistas, de comunistas, de anarquistas ou de marxistas. Mas o caráter fundamental é sempre o mesmo. É um sentimento venenoso de ressentimento camuflado na linguagem da igualdade, da justiça e da libertação, para naufragar o que é bonito e o que é certo, em benefício de pessoas que são cheias de feiura e não têm mais nada a oferecer ao mundo. Para estes arquitetos da violência revolucionária, a conquista imponente da nossa civilização é uma humilhação insuportável.”

Para enfrentar essa guerra ideológica letal e derrotar o terrorismo da extrema-esquerda, é preciso, de acordo com Rubio, mapear as ameaças

e reconstruir a arquitetura antiterrorista, como ocorreu depois dos ataques ao World Trade Center. “É tempo de as pessoas do mundo civilizado se defenderem, de elas se unirem contra esta escuridão invasiva e lutar – lutar pelo que é nosso.”

Como se pode observar, o diagnóstico cirúrgico de Rubio sobre o extremismo de esquerda, bem como seu empenho em buscar uma solução conjunta com os parceiros dos EUA para enfrentá-lo e derrotá-lo, passa longe de uma alegada teoria conspiratória da direita. É um choque de realidade – que seria inimaginável apenas alguns anos atrás – contra a normalização da violência ideológica da extrema-esquerda travestida de “justiça social”.

Para surpresa de zero pessoas, porém, o Brasil de Lula e do PT mais uma vez resolveu se omitir, como já aconteceu com a classificação recente do PCC e do Comando Vermelho como grupos terroristas, em vez de se engajar na empreitada e atender ao chamamento de Rubio, destinado a tornar o mundo mais seguro. Com a aproximação do início oficial da campanha eleitoral, em 16 de agosto, eis aí uma questão que não pode ficar fora do debate.



Autor: É jornalista desde 1983. Foi repórter especial e colunista do Estadão, editor de Economia e repórter especial da revista Época, editor-chefe da revista Pequenas Empresas & Grandes Negócios e editor-executivo da revista Exame. Foi também repórter da Gazeta Mercantil e da Folha. **Os textos do colunista não expressam, necessariamente, a opinião da Gazeta do Povo.



[Voltar ao índice](#)



Pintura de Jacob Jordaens mostra Odisseu e seus homens fugindo da caverna de Polifemo. (Foto: Wikimedia Commons/Domínio público)

OPINIÃO

Francisco Razzo

Cristãos e identitários querem um Homero para chamar de seu

Confesso de saída que ainda não vi a Odisseia de Christopher Nolan. Enquanto meia internet

decide se o filme salva ou trai Homero, fico do lado de fora, mais interessado na briga. De um lado, celebram um Odisseu adoecido pelo trauma da guerra e as mulheres enfim destacadas na epopeia. De outro, mandam esquecer o “elenco woke” e comemoram: o filme presta porque derrama a moral cristã num vaso grego. E aqui está o que me prende, porque é a meu respeito. Por um instante, torci junto. Um Homero do meu time, cristão como eu. Levei um susto, porque era o mesmo erro que eu ia denunciar nos outros.

Cada facção lê Homero no espelho e aprova o que reconhece: uma cobre o poema de trauma e identidade, as lentes obrigatórias da época; a outra prefere o velho catecismo. O anacronismo não tem partido, é a maneira contemporânea de

encarar o passado: só o toleramos quando já concorda conosco.

Ben Shapiro, por exemplo, se entrega inteiro à interpretação de Nolan. Ele mesmo escreveu, sobre a “lei de Zeus” do filme – trate os outros como gostaria de ser tratado –, que “não há nada assim na mitologia grega”, que é “cópia direta da moralidade bíblica”. Diagnosticou a falsificação e aplaudiu: chamou de vitória civilizacional. Acusou o filme de enxertar em Homero uma moral que não é de Homero, e comemorou porque a moral enxertada era a sua. É o crítico woke ao contrário, mesma régua e sinal trocado.

Convém, então, lembrar do próprio Homero. Começemos pela virtude que organiza a Odisseia inteira: a hospitalidade, a xenía (ξενία), da palavra

xénos (ξένος), que designa ao mesmo tempo o estrangeiro, o hóspede e o anfitrião: o desconhecido que bate à porta é, antes de tudo, um hóspede em potencial. Tinha força de instituição sagrada, guardada por Zeus Xénios, o protetor dos estrangeiros, e um rito exato. Quando um estranho aparece no palácio de Ítaca, o jovem Telêmaco se envergonha de vê-lo parado à porta, toma-lhe a mão e o senta à mesa; só depois da refeição se permite perguntar quem ele é. Acolhe-se antes de saber o nome ou o merecimento de quem chega, numa ética do reconhecimento anterior a qualquer informação sobre o outro. E com um fundo temível: o mendigo na soleira podia ser um deus disfarçado – no Canto 1, é Atena sob a forma de um viajante. Por isso o poema pesa cada personagem pela hospitalidade, do Ciclope que devora os

convidados aos feácios que devolvem Odisseu à pátria.



Enquanto meia internet decide se o filme de Christopher Nolan salva ou trai Homero, fico do lado de fora, mais interessado na briga

Nada disso, porém, é a Regra de Ouro. A hospitalidade de Homero brota do temor dos deuses e da honra, não do amor ao próximo nem da ideia de que o outro seja meu igual diante de Deus. Acolhe-se o estrangeiro por *aidós*, a vergonha de faltar com ele, e por medo da *némesis*, a indignação alheia. É a moral do que os outros veem, não da culpa que rói por dentro; não existe vida interior, tão cara ao cristianismo após Santo Agostinho. E é ela que, no fim, arma a mão

de Odisseu contra os pretendentes, que morrem por serem maus hóspedes: instalados na casa do dono ausente, devoram-lhe os bens e cotejam-lhe a mulher. O mesmo Zeus que protege o estrangeiro à porta garante o castigo de quem profana a sua lei. A chacina no salão no Canto 22 é a hospitalidade cobrando a própria dívida, e nada ali é a Regra de Ouro.

É esse mundo, pagão e sem perdão nem culpa interior, que as duas domesticações não suportam. Traduzir Odisseu por “trauma” converte o herói que carrega o horror e ainda age no paciente que o horror define; a honra encolhe o diagnóstico. Dar “mais voz” às mulheres rebaixa quem já manda no poema. Homero chama Penélope de períphrōn, a prudentíssima, e lhe dá a astúcia da mortalha, tecida de dia e

desfeita de noite; Circe e Calipso prendem o herói, Atena o conduz pela mão. Dar microfone a quem o poeta já coroou de prudência é uma promoção às avessas. Espreme-se Homero até caber nas únicas categorias que a época sabe manejar: a vítima e a identidade. Como dizemos, às sensibilidades contemporâneas.

Um só episódio guarda tudo isso, e é significativo que, ao que se comenta, seja um dos que Nolan cortou. Preso na caverna do Ciclope Polifemo, Odisseu diz chamar-se Oûtis, “Ninguém”: a astúcia que o salva, pois o gigante cego berra aos vizinhos que “Ninguém” o ataca, e ninguém vem.

É a mêtis, a inteligência que o define, e Atena o ama por ela, pela lábia que engana até deuses – virtude que nem o culto à autenticidade nem o

amor ao próximo saberiam elogiar. Mas, já a salvo no mar, Odisseu não resiste e grita ao monstro o próprio nome, para levar a glória do feito, e aí está a hýbris, a desmedida. Polifemo, filho de Posídon, pede ao pai que aquele nome pague caro. Toda a perseguição do mar nasce de um herói que não soube calar o próprio nome. A opção de Nolan por cortar o “Ninguém” apaga a astúcia e a culpa no mesmo gesto, e com elas a razão de Posídon existir na trama. Sobra uma vítima do mar sem falta que a explique. Não vi as soluções do filme, falo do que li por aí. Então, me calo.

Cristianizá-lo é o mesmo encolhimento, só que à direita, e é o erro de Shapiro. Falo como quem leva o cristianismo a sério: enfiar a Regra de Ouro em Homero falsifica o mundo grego e, pior, barateia o

próprio Evangelho, rebaixado a ética simpática que qualquer um assina sem susto. A força do cristianismo está na ruptura e na cruz, não num bom conselho de convivência. Usar Cristo de verniz para deixar Homero apresentável à nossa sensibilidade perde os dois. Um cristão deveria recusar essa vitória com o mesmo vigor com que recusa a outra. Shapiro não é cristão, diga-se de passagem.



Uns querem um Homero que já tenha lido sobre trauma e representatividade; outros, um que já tenha ido à missa. Ninguém quer o Homero que existe

A briga é, no fundo, uma disputa pelo direito de não sair de casa. Uns querem um Homero que já

tenha lido sobre trauma e representatividade; outros, um que já tenha ido à missa. Ninguém quer o Homero que existe: pagão, duro, movido a glória e a sangue, indiferente à nossa ideia de dignidade e, por isso, capaz de dizer sobre o humano algo que não sabíamos. Um clássico serve para nos arrancar de nós mesmos; lido no espelho, só confirma o que já pensávamos, e quem só nos dá razão deixou de ter o que ensinar. Para isso usamos o GPT 5.5, ele é ótimo em elogios.

Se Nolan traiu Homero, não sei dizer, e já confessei que ainda não vi o filme. Toda adaptação reinterpreta, isso eu sei bem; é o ofício dela. Como diz Umberto Eco, a arte é obra aberta. Mas a briga em torno dele revela o que já não suportamos: que um defunto de 3 mil anos

discorde de nós e jogue na cara o que nós somos. Cada facção quer, no fundo do poço grego, enxergar o próprio rosto. Eu inclusive quis ver o meu. Nesse caso, rosto no espelho não ensina nada. Só serve para bajular. Então vamos deixar Homero ser Homero.



Autor: Francisco Razzo é professor e mestre em Filosofia. Autor de “Contra o Aborto” e “A Imaginação Totalitária” (Record), reuniu seus ensaios mais recentes na coletânea “Minha contribuição para tornar o mundo um lugar ainda pior” (Noética), uma reflexão sobre a banalidade do heroísmo em uma era de incertezas. **Os textos do colunista não expressam,

necessariamente, a opinião da Gazeta do Povo.



[Voltar ao índice](#)



Telebras: sim, ela ainda existe. (Foto: Divulgação/Telebras)

Desperdício

Dez órgãos federais que não fariam falta se fossem extintos

Por Gabriel de Arruda Castro

O próximo presidente da República vai precisar enfrentar uma realidade fiscal difícil: a despesa

pública aumentou e o déficit primário do governo central encerrou 2025 com um rombo de R\$ 42,4 bilhões, mesmo com recordes sucessivos de arrecadação federal. Ao contrário do que esperava o governo Lula, a melhor forma de equilibrar as contas no caso brasileiro é reduzindo o gasto, e não aumentando os impostos.

A eleição presidencial é um momento oportuno para reavaliar a quantidade injustificável de ministérios, agências e estatais que consomem dinheiro público. Esta reportagem sugere dez órgãos que poderiam ser extintos ou incorporados a outros — para começo de conversa.

1) Ministério da Pesca e Aquicultura

Inventada por Lula em 2009 para acomodar aliados no governo, a pasta foi rebaixada por Michel Temer mas elevada novamente ao status de ministério por Lula, em 2023. É um ministério que nem dá o peixe, nem ensina a pescar, e cujas funções poderiam facilmente ser absorvidas por outra pasta. É difícil encontrar um brasileiro que conheça o nome do ministro da Pesca (a propósito, é Rivetla Édipo Araújo Cruz, que não tem nem página na Wikipédia). Orçamento: R\$ 270 milhões

2) Telebras

Sim, ela ainda existe. A antiga estatal encarregada da telefonia, ressuscitada em 2010 por Lula, hoje atua principalmente na gestão de

infraestrutura de comunicações, redes de fibra óptica e do Satélite Geoestacionário de Defesa e Comunicações Estratégicas (SGDC). A União é dona de aproximadamente 93% da empresa, e os membros da Diretoria ganham, em média, R\$ 426 mil por ano. Como presta serviços ao mercado, a Telebras gera boa parte das suas receitas. Mas o comando da empresa ainda está nas mãos do governo federal, sob o guarda-chuva do Ministério das Comunicações. Orçamento: R\$ 1,25 bilhão

3) Fundação Cultural Palmares (FCP)

A fundação apoia iniciativas que envolvam a cultura negra, como "projetos voltados para a promoção, preservação, proteção e difusão dos valores sociais, econômicos, culturais das comunidades tradicionais de terreiros e

quilombos". Mas essas atividades poderiam ser exercidas por um dos órgãos que já existem, como o Ministério da Cultura e o Ministério da Igualdade Racial. Orçamento: R\$ 32 milhões

4) Ministério dos Portos e Aeroportos

Esta é outra herança do PT. Lula criou a pasta (ainda como secretaria) em 2007. Em 2023, ela foi transformada em ministério. A essa altura, Lula já havia aperfeiçoado a arte de inventar ministérios para distribuir cargos aos aliados. O Brasil tem um Ministério dos Transportes — e os aeroportos são administrados pela Infraero ou por empresas privadas. Por que, então, manter um ministério específico para Portos e Aeroportos? Orçamento: R\$ 6,2 bilhões

5) Secretaria Nacional de Juventude (SNJ)

O órgão foi criado por Lula em 2005. A juventude brasileira, claro, desconhece totalmente a existência da secretaria, que se orgulha de gerir o programa ID Jovem e articular a Política Nacional de Juventude. No YouTube, onde reúne impressionantes mil seguidores, o órgão não publica um vídeo há nove anos. Até outubro do ano passado, o órgão era comandado por um certo Ronald Sorriso, militante do PT. Hoje, Vitória Genuíno é quem cuida dos jovens brasileiros. Vitória, indicada por Guilherme Boulos, fez parte da coordenação nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST).
Orçamento: R\$ 22 milhões

6) Trensurb

Por algum motivo que é difícil de compreender, o sistema de trens metropolitanos de Porto Alegre é gerido pelo governo federal — que subvenciona mais de R\$ 300 milhões por ano para cobrir déficits operacionais e de manutenção. A solução mais óbvia seria transferir o controle do sistema e a operação ao governo gaúcho. Orçamento: R\$ 480 milhões

7) Ceagesp

Quando não está administrando o transporte de Porto Alegre, Brasília gerencia um mercado de frutas e vegetais em São Paulo. Sim, a Ceagesp (sigla para Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo) também faz parte da estrutura do governo federal. A companhia foi

federalizada em 1997, quando passava por uma crise financeira profunda e o governo paulista tentou, sem sucesso, encontrar um comprador privado para a Ceagesp, que também gerencia uma rede de armazéns no estado de São Paulo.
Orçamento: R\$ 145 milhões

8) ApexBrasil

Os grandes acordos comerciais são costurados pelo Itamaraty e pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Já a exportação de produtos depende da competitividade dos produtos brasileiros em vez do trabalho de uma agência pouco prestigiada e conhecida por ser cabide de empregos. Por isso, é difícil entender a existência da ApexBrasil.
Orçamento: R\$ 1,45 bilhão (proveniente das

alíquotas do Sistema S / Sebrae destinadas à promoção comercial)

9) Ministério dos Povos Indígenas

O Executivo já possui um órgão dedicado aos direitos indígenas (a FUNAI) e uma pasta cujo foco é a proteção às minorias (Ministério dos Direitos Humanos). Por que, então, manter uma estrutura separada? O Ministério dos Povos Indígenas, criado por Lula em 2023, incha a máquina pública por causa da sobreposição de atribuições. Orçamento: R\$ 2,1 bilhões

10) Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar

Presume-se que o Ministério da Agricultura trabalha pelo “desenvolvimento agrário” do país.

Assim, uma segunda pasta para tratar do assunto é injustificável. O Ministério do Desenvolvimento Agrário foi criado ainda em 1999 pelo governo FHC, após o massacre de Eldorado dos Carajás. Depois de ser extinto por Michel Temer, o órgão foi reativado em 2023 — mais como um instrumento político do que um órgão que preza pela eficiência. Orçamento: R\$ 5,8 bilhões



[Voltar ao índice](#)



As crianças de 2 e 5 anos seguem afastadas dos pais desde novembro de 2025 (Foto: Arquivo pessoal / D.C.K.)

Vacinas

Justiça mantém pais longe dos filhos por 8 meses e manda pagar pensão aos avós

Por Raquel Derevecki

O caso de duas crianças retiradas dos pais no final de 2025 em Arroio Grande, Rio Grande do Sul,

após apresentarem laudos médicos que contraindicavam vacinas, teve desdobramentos nesta terça-feira (21). Após oito meses desde que as crianças de 2 e 5 anos foram afastadas dos pais, a Justiça decidiu manter a proibição de contato com os genitores — por vídeo, telefone e pessoalmente. A nova decisão também exige que os pais enviem “verba alimentar” para os avós maternos, que estão com a guarda provisória das crianças no município gaúcho de Canguçu. Os pais vão recorrer.

A decisão foi publicada nesta terça-feira (21) pelo juiz da 2ª Vara Judicial de Canguçu/RS, comarca que recebeu o processo após mudança de endereço dos irmãos. Segundo nota do Ministério Público do Rio Grande do Sul (MPRS), a manutenção do afastamento leva em conta o “histórico de negligência constatado no caso”, já

que investigações teriam apontado insalubridade e falta de higiene na residência da família, demora para registro civil da filha mais nova e falta de vacinação das crianças.

A defesa do casal, no entanto, afirma à Gazeta do Povo que todas as exigências feitas já foram cumpridas e que deixaram de existir as razões que motivaram o afastamento das crianças dos pais. De acordo com o advogado Luiz Ricardo de Almeida, o casal apresentou diversos laudos mostrando contraindicação médica às vacinas e, apesar disso, as crianças foram retiradas dos pais para aplicação dos imunizantes, em 18 de novembro de 2025. “E, se ainda não deram essas vacinas, é prevaricação”, alerta o advogado.

Segundo ele, outras acusações de suposta negligência e falta de higiene que poderiam ter causado problemas de saúde às crianças também já foram respondidas. A Gazeta do Povo, inclusive, teve acesso ao exame de corpo de delito realizado na noite em que as crianças foram retiradas dos pais. Segundo o laudo, assinado por médico perito, enfermeiro plantonista e Polícia Militar (PM), as crianças estavam em boas condições de saúde, “sem lesões aparentes”.

A defesa também informa que a residência considerada “insalubre” por conta de infiltrações não é mais a moradia do casal, e que a filha mais nova — que nasceu em parto domiciliar e, por não ter testemunhas, não teve registro aceito pelos cartórios da cidade — também já foi devidamente registrada após exame de DNA. “Por

que, então, essas crianças ainda estão longe dos pais?”, questiona o advogado.

Pais seguem sem ver os filhos por expor o caso nas redes sociais, afirma TJRS

Segundo nota do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (TJRS), que cita o histórico de negligência registrado no processo sem apresentar os contrapontos da defesa, outra motivação para manter o afastamento das crianças é a “resistência dos pais à rede de proteção”, já que eles não seguiriam regras judiciais que proibiam gravações no decorrer do processo, assim como a divulgação de informações na internet. “O caso, que tramita em segredo de justiça, conforme prevê o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), foi exposto pelos pais nas redes sociais, gerando discursos de ódio

contra instituições e profissionais que atuaram no caso”, aponta o TJRS.

"O núcleo familiar se encaminhava para uma reestruturação, pois os fatores de risco inicialmente verificados — consistentes na insalubridade residencial e pessoal das crianças, na ausência de registro civil de S. e no atraso vacinal — estavam sendo paulatinamente corrigidos”, afirma trecho da decisão publicado pelo TJRS. “Apesar disso, os genitores passaram a adotar uma postura de ostensiva revolta e desobediência contra as decisões do Poder Judiciário, transformando o rito protetivo em um palco de espetacularização e exposição midiática”, continua o trecho da decisão, divulgado pelo tribunal.

A defesa do casal, no entanto, já denunciou diversos abusos que teriam sido cometidos pelo Estado no decorrer do processo, e explicou que os pais filmavam as interações com Conselho Tutelar e demais órgãos de proteção para ter provas, já que não existia outra forma de contestar os relatórios apresentados pelos órgãos públicos.

Em uma das filmagens, publicada em março deste ano pela Gazeta do Povo, uma conselheira tutelar chegou a afirmar aos pais que eles não precisavam gravar a visita, pois ela tinha fé pública. “Qualquer coisa que a gente disser vai ser contra ti”, afirmou a profissional, gravada pelo casal. As falas da mulher foram avaliadas pela defesa como “abuso de poder”.

Antes disso, no dia 30 de janeiro, os pais tiveram seu direito de visitas suspenso após situação envolvendo gravações. Em um encontro ao ar livre com as crianças — assistidos pela equipe da Casa de Acolhimento de Arroio Grande —, um conhecido da família estaria filmando a interação, à distância, na praça. O encontro teve cerca de cinco minutos de duração e foi encerrado quando os agentes públicos perceberam a possível gravação.

“O Conselho viu as filmagens como insistência em dificultar a ação da rede de proteção, fez relatórios sobre isso, e o juiz puniu essa família com o acolhimento das crianças e a suspensão das visitas dos pais”, afirmaram os advogados do caso, na época, ao alertarem que a retirada das crianças não poderia ter sido uma “ferramenta utilizada pelo juiz”, pois o Estatuto da Criança e

do Adolescente (ECA) apresenta diversas medidas para serem tomadas antes do acolhimento institucional.

Além disso, os advogados apontaram que “não existe proibição para gravar ações de agentes públicos”, mas, sim, “o princípio da publicidade e da transparência da administração pública”. No último sábado (18), as crianças completaram oito meses afastadas dos pais.

Em reportagem publicada pela Gazeta do Povo, a juíza de direito Ana Claudia Brandão de Barros Correia, do Tribunal de Justiça do Estado de Pernambuco (TJPE), explicou que a retirada de crianças do convívio familiar é “medida excepcional no Brasil” e que só poderia ocorrer diante de “risco grave e concreto à integridade

física ou psíquica do menor, respeitando proporcionalidade e intervenção mínima”.

O jurista Caio Chaves Morau, doutor em Direito Civil e vice-presidente da Associação de Direito de Famílias e das Sucessões (ADFAS), também se manifestou a respeito do tema e afirmou que “é fundamental que o sistema de proteção atue pautado pela lei, garantindo que o direito constitucional à convivência familiar não seja sacrificado por interpretações subjetivas ou despreparo na análise dos casos concretos”.

Decisão aponta que a filha mais nova estaria com “deformidade nas pernas”

A defesa da família afirma que, até novembro de 2025, a menina não tinha apresentado qualquer

deformação nas pernas. Segundo o TJRS, a decisão publicada nesta terça-feira (21) aponta que a filha mais nova do casal apresentaria atualmente uma deformidade ortopédica nas pernas, e que o juiz determinou que o hospital responsável pelo atendimento encaminhe ao Juízo os exames e avaliações médicas realizados. A defesa da família afirma que, até novembro de 2025, a menina não tinha apresentado qualquer deformação.

A decisão, conforme o TJRS, também estabeleceu acompanhamento permanente das crianças pelo Conselho Tutelar na casa dos avós e fixou pensão alimentícia provisória a ser paga pelos pais. O juiz também exigiu que os pais sejam submetidos a novas avaliações psicológicas no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e que passem por estudo social na nova residência. Eles têm prazo

de 30 dias para procurar o CAPS e comprovar o agendamento.

Quanto ao sigilo, o TJRS aponta que “permanece proibida a divulgação de imagens, vídeos, áudios ou informações sigilosas relativas às crianças e ao processo em redes sociais ou meios de comunicação, sob pena de aplicação de sanções estabelecidas anteriormente”.



[Voltar ao índice](#)



Fumaça atrás de igreja ortodoxa em Moscou após novo ataque com drones da Ucrânia, no sábado, dia 18 de julho (Foto: Stringer/EFE)

Leste europeu

Guerra dos drones muda o equilíbrio do conflito entre Rússia e Ucrânia

Por Fábio Galão

O uso intenso de drones pela Ucrânia na guerra contra a Rússia está fazendo a balança do conflito

pende a favor de Kiev, por visar o principal ativo do regime do ditador Vladimir Putin para financiar seu poderio militar: o setor de energia. Operações com drones contra refinarias de petróleo e navios que transportam a commodity estão cortando receitas russas de exportação e gerando desabastecimento no mercado interno.

De acordo com uma reportagem publicada pelo The Wall Street Journal este mês, ataques ucranianos nos últimos meses atingiram todas as dez maiores refinarias da Rússia e analistas estimam que mais de um quarto da capacidade de refino russa está fora de operação. O jornal americano destacou peças importantes do arsenal ucraniano de drones que estão gerando desespero no país agressor, como o Liutyi, que pode viajar quase 2 mil quilômetros, e o FP-1, com alcance de até 2,9 mil quilômetros. Com esse

raio de ação, a Ucrânia conseguiu atingir até mesmo a refinaria de Omsk, a maior da Rússia e localizada na Sibéria ocidental, a cerca de 2,4 mil quilômetros da fronteira entre os dois países.

Em entrevista à reportagem, o coronel da reserva e analista militar Paulo Roberto da Silva Gomes Filho, colunista da Gazeta do Povo, disse que a Ucrânia conseguiu nos últimos anos alcançar uma combinação de escala, diversidade tecnológica, produção nacional e rapidez de adaptação no seu programa de drones. “O país desenvolveu uma ampla família de drones, desde sistemas baratos de curto alcance até vetores capazes de atingir alvos a mais de mil quilômetros. Isso permite que o seu exército escolha diferentes combinações de alcance, custo, velocidade e poder destrutivo de acordo com cada alvo”, disse o especialista.

“Outra coisa que impressiona é a velocidade do ciclo de inovação alcançada pelos ucranianos. As informações obtidas em combate retornam rapidamente aos fabricantes, que modificam sistemas de navegação, comunicações, proteção contra guerra eletrônica, ogivas e perfis de voo”, afirmou Gomes Filho.

Rússia está sendo obrigada a importar combustíveis

Gigante no setor de energia, a Rússia está passando pelo constrangimento de ser obrigada a importar combustíveis. Segundo informações da Reuters, pelo menos 60 mil toneladas métricas de gasolina foram enviadas recentemente da Índia para a Rússia. Outra fonte da agência britânica disse que o país de Putin planeja importar 400

mil toneladas de gasolina de vários países mensalmente, incluindo a vizinha Belarus, que já vem exportando combustível para a Rússia.

Este mês, o vice-primeiro-ministro russo, Alexander Novak, anunciou uma proibição temporária de exportações de diesel, que está em vigor até 31 de julho. Em informe divulgado na semana passada, a consultora russa MMI afirmou que, “ao que tudo indica, a crise de combustíveis realmente empurrou a economia para a recessão”. “A economia cresceu a uma taxa anualizada de 1% a 1,5% entre março e abril, desacelerou em maio e entrou em trajetória de queda em junho. É cedo demais para decretar o início de uma recessão, mas, se o refino de petróleo não se recuperar, o PIB anual poderá sofrer uma contração de 1% a 1,5% em 2026”, alertou.

Gomes Filho disse que a Rússia enfrenta dificuldades para responder à ofensiva de drones ucranianos porque precisa defender um território imenso e uma grande quantidade de infraestruturas críticas simultaneamente: refinarias, depósitos, bases aéreas, fábricas, centros de comando, cidades e a própria frente de combate. “O ‘cobertor fica curto’. Não há sistemas de defesa aérea suficientes para proteger permanentemente todas essas instalações. A Ucrânia procura justamente identificar aquelas que estão menos protegidas ou atacar vários pontos, forçando Moscou a dispersar seus meios de defesa antiaérea”, afirmou.



[Voltar ao índice](#)



Monsenhor Marcos Pavan, maestro diretor do "coro do Papa" durante a turnê pelo Brasil. (Foto: Leandro Martins/LM7)

Cappella Musicale Pontificia Sistina

O brasileiro que rompeu uma tradição de 600 anos e assumiu o coro mais antigo do mundo

Por Luisa Purchio

Por seiscentos anos, a Cappella Musicale

Pontificia Sistina — o "Coro do Papa", responsável pela trilha sonora das celebrações mais solenes do Vaticano — teve à frente apenas maestros italianos. Em 2020, essa sequência ininterrupta foi quebrada.

O papa Francisco nomeou Marcos Pavan, presbítero católico nascido em São Paulo, como maestro diretor desse coro sem paralelo em longevidade no mundo ocidental. Pela primeira vez, Pavan acaba de trazer o coro ao Brasil, em turnê inédita pela América Latina. O maestro diretor da Cappella Sistina responde pela formação musical e litúrgica de um coro que canta nas principais cerimônias do papado — da Semana Santa aos funerais de pontífices, incluindo o do próprio Francisco, em 2025. Antes de Pavan, o posto nunca havia sido ocupado por um estrangeiro.

A trajetória começou longe de Roma. Pavan formou-se musicalmente em São Paulo, com foco em canto e voz, e trabalhou como cantor lírico e regente antes de deixar o Brasil rumo à Itália, em 1991. Levou quase uma década para conquistar a primeira função dentro da Cappella Sistina: passou a comandar os meninos cantores do coro, conhecidos como Pueri Cantores.

Ascensão foi construída ao longo de mais de duas décadas

Entre a chegada como maestro dos Pueri Cantores e a nomeação ao posto mais alto, Pavan passou 22 anos dentro da estrutura da Cappella Sistina — tempo suficiente para integrar o time de bastidores nos álbuns que o coro gravou pela gravadora histórica Deutsche Grammophon.

Pavan teve formação técnica rigorosa, décadas de serviço dentro da instituição e aprovação direta do papa. As apresentações de agora pelo continente integram as comemorações dos 200 anos de relações diplomáticas entre o Brasil e a Santa Sé, e reforça o peso simbólico da escolha do país como estreia latino-americana do coro. "O fato de Marcos Pavan exercer essa missão evidencia que músicos brasileiros podem alcançar posições de grande relevância no cenário internacional", afirma o músico e pesquisador Clayton Dias, de Campinas, um dos principais peritos brasileiros em missal romano. Para Dias, a trajetória do maestro funciona como incentivo a uma nova geração de regentes e musicólogos brasileiros dedicados à música sacra.

Em São Paulo, um dos momentos mais simbólicos da turnê aconteceu na Catedral da Sé. No dia 5 de julho, o coro se apresentou durante a celebração conduzida pelo cardeal Odilo Pedro Scherer, que comanda a arquidiocese paulistana, seguida de concerto para o público presente. No repertório sob a batuta de Pavan, além do canto gregoriano e da polifonia renascentista, uma faixa cantada em português chamou atenção: "Alegrai-vos", de autoria do padre José Weber, referência da composição sacra brasileira atual — que acompanhou de perto a apresentação da própria obra.

O encontro colocou lado a lado, na mesma celebração, dois sacerdotes-músicos brasileiros com papel de destaque na música sacra — um regendo o coro mais antigo do mundo em Roma e o outro tendo a própria obra interpretada pelo

coro, em português, dentro da catedral mais importante de São Paulo.

Além do comando musical, a presença de um brasileiro à frente da Cappella Sistina cria uma ponte prática entre a tradição musical cultivada pela Santa Sé e o cenário brasileiro — o tipo de intercâmbio que, segundo Clayton Dias, pode incentivar projetos de formação e pesquisa em música sacra no Brasil, área que ainda busca consolidação em relação à tradição europeia.



[Voltar ao índice](#)

PARA SE APROFUNDAR

- **Governo tirou dinheiro de políticas públicas para cobrir rombo bilionário de estatais**
- **Nova decisão do STF sobre aposentadoria custará quase R\$ 8 bilhões**
- **Filho de Tancredo Neves briga na Justiça para ter acesso aos prontuários do pai**
- **Entidade médica alternativa quer titular especialistas por conta própria e trava guerra judicial**
- **O que é o movimento pinkpill, que prega a violência contra homens**
- **Os 10 piores projetos de lei de 2026 (até agora)**

COMO RECEBER

As edições da Gazeta do Povo Revista vão estar disponíveis para download em PDF pelos nossos assinantes todos os sábados pela manhã no site do jornal. Também é possível se inscrever, para ser lembrado de baixar o arquivo, pelo [Whatsapp](#) ou pelo [Telegram](#). Se preferir receber por e-mail, você pode se inscrever na [newsletter](#) exclusiva para receber o link de download.

EXPEDIENTE

A Gazeta do Povo Revista é uma seleção de conteúdos publicados ao longo da semana no nosso site. Curadoria e formatação: Carlos Coelho, Daliane Nogueira e Marcela Mendes. Apoio: Jessica Lopes da Silva dos Reis. Conceito visual: Claudio Cristiano Gonçalves Alves. Coordenação: Patrícia Künzel.

APLICATIVO

Caso seu acesso seja via aplicativo iOS, só é possível visualizar o pdf. Para fazer o download, recomendamos o uso do navegador de internet de seu celular.



Voltar ao índice